

MARIA E O ESPÍRITO SANTO

(Mary and the Holy Spirit)

Douglas Pinheiro*

Licenciado em Filosofia e

Bacharelado em Teologia pela

Faculdade de Teologia da PUC-SP.

fogodouglas@hotmail.com.

Resumo

A relação entre Maria e o Espírito Santo pode ser apontada em passagens da Escritura que nos fornecem segurança suficiente para afirmar que se trata de uma relação distinta das que as demais criaturas podem ter com Deus. Esta relação é um modelo da integração desejada por Deus com a sua Igreja. Percebe-se que muitas das menções feitas ao Espírito Santo no novo testamento possuem Maria como personagem do respectivo contexto. Sendo ela mesma uma obra prima do Espírito, é citada na intenção de servir como protótipo daquilo a que se refere o texto. É com base nesta afirmação que Maria é um ponto de partida para a eclesiologia e para a pneumatologia desde longa tradição na Igreja. Um estudo sobre Maria e o Espírito Santo visam, portanto, fornecer elementos de elaboração teológica para estes dois tratados de fundamental relevância.

Palavras-chave: Maria. Espírito Santo. Imaculada. Pentecostes Igreja.

Abstract

The relationship between Mary and the Holy Spirit can be appointed in Scriptures passages that supply us enough security to affirm it a different relationship of that others creatures can have with God. This relationship is a model of the integration desired by God with his Church. May be perceived that many of the mentions done at Holy Spirit in the New Testament have Mary like person of the respective context. Being herself a masterpiece of the Holy Spirit she is quoted in intention to serve like prototype of that speaks a text. Is based on this affirmation that Mary is a start point to the ecclesiology and to pneumatology since long tradition in the Church. A study about Mary and the Holy Spirit have in view, therefore, afford elements of theological elaboration to both treaties of fundamental relevance.

Keywords: Mary. Holy Spirit. Imaculate. Pentecost. Church.

Introdução

O mês de Maio este ano nos agraciou duplamente com as já tradicionais celebrações marianas e com a solenidade de Pentecostes. Penso, por consequência, ser conveniente falar um pouco sobre a íntima relação destas duas pessoas: Maria e o Espírito Santo, uma humana e outra divina, a criatura e o Criador. Falar desta relação é falar de um ponto de encontro entre Deus e a humanidade.

A relação entre Maria e a Trindade consiste num Mistério de tal forma deslumbrante que nos enche de assombro por averiguarmos até que ponto Deus se dignou tocar a nossa humanidade representada nesta sublime mulher. Seria fácil se estender longamente ao falarmos sobre Maria e cada uma das pessoas da Trindade, tendo em vista a parte de suas respectivas missões que cada uma cumpriu no ato da encarnação.

Queremos nestas linhas refletir um pouco sobre a relação entre Maria e a terceira pessoa da Santíssima Trindade, o Espírito Santo. Vejamos como o antigo Testamento anunciou prelúdios do que o Espírito realizaria na Mãe de Deus em favor da humanidade fazendo dela a primícia da nova criação em Jesus Cristo. Em seguida contemplaremos a ação do Espírito na encarnação do verbo no seio de Maria, passando necessariamente por aspectos cristológicos sem os quais não há como relacionar Maria e o Espírito, posto ser Cristo encarnado o fruto do contato entre ambos.

Compreenderemos que não faz sentido falar de Maria sem constante referência ao Espírito Santo, uma vez que tudo o que se louva nela é obra do Espírito em benefício do plano de salvação. Por fim, concluiremos no decorrer da leitura deste artigo que na pessoa de Maria, Deus cumpre sua promessa realizada por meio dos profetas, a de derramar o Espírito Santo sobre os homens de forma inovadora. Pentecostes e Maria relacionam-se intrinsecamente, pois Maria é protótipo da Igreja sobre a qual Deus derrama seu Espírito.

1. Maria, a cheia de graça

Chegada a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho unigênito ao mundo nascendo de Mulher e sujeito à Lei (Gl 4,4), feito igual a nós em tudo exceto no pecado. Como Deus que é Jesus poderia valer-se de sua condição divina para se encarnar e nascer neste mundo isento do pecado por uma determinação sobre si próprio. Entretanto, Paulo nos assegura que ele não se prevaleceu de sua igualdade com Deus, mas aniquilou-se a si mesmo assumindo tudo o que é próprio da condição humana (Fl 2,6).

Dáí se conclui que, tendo em vista seu plano salvífico, aprouve a Deus preparar uma mulher que fosse achada digna de receber em seu ventre o Salvador, preservando-a desta condição de pecado original na qual nascem todos os homens desde a queda dos nossos primeiros pais Adão e Eva. *Quem, podendo escolher uma mãe conforme seu agrado, não o faria?* Exclamou S. Luís Maria Montfort em seu Tratado da Verdadeira devoção à Santíssima Virgem¹. Pois Deus, tendo este poder assim o fez e preparou uma mãe que fosse digna de receber seu Filho². Isentou Maria do pecado desde sua concepção no ventre de Ana para que ao transmitir a humanidade ao Verbo a transmitisse sem mácula.

Assim professa a Fé e a Tradição da Igreja, e podemos constatar um fio condutor deste dogma da Imaculada Conceição na ocasião da Anunciação do anjo narrada por Lucas. O anjo entrando onde ela estava disse: *Alegra-te, cheia de graça, o Senhor é contigo* (Lc 1,28). A tradução bíblica da Vulgata diz *gratia plena*, isto é, plena de graça, não havendo um espaço sequer de sua existência que não seja repleto da graça. Como pode estar *plena* de graça alguém que possua pecado sob qualquer aspecto? Seria grave contradição afirmar que Maria possuiria pecado diante das palavras do anjo.

Esta saudação já evidencia a presença do Espírito de maneira muito particular em Maria. Afirma o Catecismo, que ele mesmo, o Espírito Santo, não apenas é o doador da graça como é a graça por excelência³. Dizer *cheia de graça*, é, portanto, dizer *cheia do Espírito Santo*.

Sendo cheia de graça por ser concebida sem pecado, Maria é cheia do Espírito desde o instante de sua concepção. Estava o Espírito Santo em Maria plenificando-a de graça, e o fazia em virtude da missão do Filho, do Verbo do Pai, da Palavra do Pai que viria ao mundo revogar a sentença de morte pronunciada contra nós pelo pecado.

Habitando em Maria, habitava já neste mundo informe e sem graça para recriar novamente todas as coisas no momento em que saísse o Verbo, a Palavra da boca de Deus em direção ao ventre da Virgem. Na narrativa da anunciação o anjo usa a expressão *o Espírito te envolverá* (Lc 1,35). O termo *envolverá* evoca em ouvintes familiarizados à tradição judaica a idéia de uma nuvem que pessoas, aquela imagem do Antigo Testamento usada para figurar a misteriosa presença de Deus (Ex 40-34; 1Re 8,1-13)⁴.

2. Encarnação do Verbo

O Espírito pairava sobre Maria, sobre sua carne. Quando por ocasião de sua adesão à proposta feita pelo anjo de Deus, o Espírito chamou à encarnação humana aquele que existe desde toda eternidade. Pairando sobre o *caos* da humanidade pecadora o Espírito organiza toda graça no *cosmos* que é Cristo, e não o faz em outro lugar a não ser em Maria. A obra prima do Espírito Santo não foram os astros, a luz, os animais; mas sua obra mais bela foi aquela que realizou com Maria. Se na primeira Criação Deus *disse: faça-se a luz! E a luz se fez* (Gn 1,3), na nova Criação *Maria disse: Faça-se em mim* (Lc 1,38), e o Verbo se fez carne (Jo 1,14) habitando entre nós.

O gesto divino sobre Maria foi o mesmo gesto inicial da Criação. É o Espírito Santo quem executa a ordem de Deus como anunciou o anjo: *O Espírito Santo descera sobre ti, e a força do Altíssimo te envolverá com sua sombra* (Lc 1,35). É com esta vinda do Espírito sobre Maria em vista da Encarnação que se inaugura um novo tempo para a humanidade. Espírito Santo e Maria são os iniciadores da obra da salvação de Cristo para o mundo:

Na Virgem, encoberta pela sombra do Espírito, é representado um sagrado matrimônio entre Deus e a humanidade, o “hierós gamos” (matrimônio sagrado), do qual sempre se fala na Antiguidade. O feminino é acendido e fecundado pelo fogo do Espírito Santo. Estas imagens (arquétipos) indicam que, em Maria, se cumpriu o anseio da humanidade. [...] A Virgem, que é mãe ao mesmo tempo, é um arquétipo do ser humano. [...] Cada um de nós é uma virgem que deve tornar-se mãe o trazer o Filho de Deus ao mundo [...] e formos engravidados do Espírito Santo⁵.

A relação entre Maria e o Espírito é elemento fundante de toda a fé cristã e protótipo da missão da Igreja para o mundo. O papel de Maria para a humanidade é o papel da Igreja, verdade que compromete intrinsecamente a figura de Maria com a eclesiologia, isto é, com a compreensão que se tem da Igreja. Tudo o que o Espírito nela realizou é o que pretende realizar na Igreja. Foi em Maria que o Espírito manifestou o Cristo para o Mundo⁶, verdade que anela Maria à cristologia. Aliás, toda a mariologia encontra sua razão de ser na cristologia (em Jesus Cristo) e na pneumatologia (na compreensão sobre o Espírito Santo), uma vez que são estas pessoas da Trindade (Filho e Espírito) que “tocam” Maria de forma muito singular, e através delas o próprio Pai.

É igualmente importante não conceber a mariologia independentemente da atuação do Espírito Santo, mas segundo o enfoque cristológico implicado na encarnação. Porquanto a geração de Cristo não está confinada unicamente entre o Logos e Maria, mas é operada pelo Espírito como registra a Bíblia (Lc 1,31s; Mt 1,18-25) e é confessada pelo Credo (nascido do Espírito Santo e da Virgem Maria). Deste modo admitimos que toda a divindade participa do evento da encarnação⁷.

Maria é receptora de Cristo, cristã por excelência. O Espírito, por sua vez, é o portador de Cristo para Maria. Percebe-se que qualquer fala sobre Maria torna-se vazia sem constante referência ao Espírito Santo enquanto autor de sua existência sem macula de pecado e gerador de seu filho no ato da Encarnação. Esta presença efusiva do Espírito na vida de Maria é ainda prelúdio de um momento posterior, igualmente marcante para a Igreja: o Pentecostes⁸. Não será à toa a presença de Maria em momentos pontuais de referência ao Espírito no Novo Testamento⁹.

3. Pentecostes

De modo gradativo Deus foi se revelando ao ser humano no decurso da história¹⁰. O fez por meio de Abraão e depois de maneira mais incisiva pelos profetas. Através de Moisés, porém, Deus fez conhecer sua Lei e sua vontade prática para a vida humana. A palavra de Moisés era incontestavelmente tomada como Palavra divina, pois o povo tinha a certeza de que o Espírito de Deus estava nele. Assim nos demonstra o livro dos Números ao narrar uma ocasião curiosa na qual Deus resolve tomar de seu Espírito que estava sobre Moisés e reparti-lo a setenta anciãos do povo. Estes setenta puseram-se a profetizar por impulso do Espírito de Deus, inclusive dois do acampamento que não estavam com o grupo previamente selecionado no momento da efusão. Quando por ciúmes de Moisés, Josué pede a seu senhor que os repreenda, este lhe responde: *Por que és tão zeloso por mim? Prouvera a Deus que todo o povo do Senhor profetizasse, e que o Senhor lhe desse o seu Espírito!* (Nm 11,29).

O desejo por um derramamento do Espírito de Deus sobre o homem bem se vê ser um sonho longo dos que o servem. Os profetas confirmam este desejo comunicando a promessa divina de derramar sobre toda humanidade o seu Espírito: *Derramarei o meu Espírito sobre todo ser vivo, e vossos filhos e filhas profetizarão.* (Jl 3,1). Esta promessa confirma que o desejo de Moisés era, na verdade, um desejo do próprio Deus que por meio de seu Espírito deseja instaurar nova relação com o ser humano.

Ao chegar o tempo do cumprimento desta promessa, a mesma se efetiva em ninguém mais senão em Maria. O Novo Testamento não nos traz trechos tão numerosos sobre Maria, mas a maioria dos que ali se encontram narram fatos em que ela e o Espírito Santo estão em íntima relação. O anjo lhe anuncia a encarnação com os dizeres *O Espírito Santo descera sobre ti e a sombra do Altíssimo te cobrirá* (Lc 1,34). A descida do Espírito sobre Maria é já um *primeiro Pentecostes* cristão, pois não é uma vinda do Espírito aos moldes da ação profética do Antigo Testamento, mas é uma efusão do Espírito em vista da introdução do Filho de Deus na vida de um ser humano, neste caso, na vida de Maria.

O que o Espírito realiza em Maria é o que realizaria mais adiante nos apóstolos em Pentecostes e é o que realiza ainda hoje na vida dos crentes. A promessa da efusão do Espírito Santo contida em Joel 3 e desejada por Moisés se cumpre em Maria de modo paulatino. Ela o recebe na anunciação, e a profecia como evidência desta efusão ocorre na casa de Zacarias com a emissão dos termos do Magnificat (Lc 1,46-55). Suas palavras anunciam futuros acontecimentos (*todas as gerações me proclamam bem-aventurada*), o que faz delas autêntica profecia.

O ato de Deus de repartir seu Espírito como fizera no acampamento se repete por ocasião desta visita de Maria a Isabel. Estando Maria cheia do Espírito e feita morada de Cristo encarnado, comunica com sua simples presença e saudação o Espírito Santo a Isabel que dele ficou cheia, ela e João em seu ventre, quando da chegada de Maria. Estando João desde o ventre cheio do Espírito Santo, comunica-o a seu pai Zacarias oito dias após nascer, e este se coloca a profetizar tal como Maria o fizera (Lc 1,67-79). Também aos pés da cruz, quando Jesus entrega seu espírito ao Pai num gesto de movimento trinitário (Jesus-Espírito-Pai), Maria ali estava como testemunha (Lc 23,46).

Ao chegar à casa de Zacarias, Maria dá testemunho daquilo que Deus nela fizera com os dizeres: *porque olhou para sua pobre serva [...] O poderoso fez em mim grandes coisas e santo é o seu nome, e sua misericórdia se estende de geração em geração* (Lc 48.49). O ato de Maria em testemunhar é igualmente uma evidência da efusão do Espírito Santo, novamente uma figura do que aconteceria em Pentecostes conforme a promessa do próprio Ressuscitado: *mas descera sobre vós o Espírito Santo e vos dará força, e sereis minhas testemunhas* (At 1,8a).

Constata-se que em Maria Deus encontra pela primeira vez a sua morada, e nela começam a se manifestar as *maravilhas de Deus* (At 2,11) que o Espírito vai realizar em Cristo e na Igreja¹¹.

A presença de Maria no Cenáculo com os apóstolos no dia de Pentecostes serve como testemunho de que o que ali estava para acontecer com os discípulos não era distinto do que já havia acontecido com Maria. Este fato nos é aceito desde remotos tempos da Tradição, uma vez que a iconografia sempre representa em diversas pinturas a efusão do Espírito em Pentecostes com Maria posicionada ao centro apresentada como modelo de discípula plena do Espírito Santo.

Acontece ali naquela manhã narrada pelos Atos dos Apóstolos a revelação da Trindade que a partir dali é conhecida como tal pela Igreja, ainda que em germe já que os dogmas trinitários só se solidificarão séculos depois nos concílios de Nicéia e Constantinopla. A Trindade que se revela à Igreja assim o faz como fizera a Maria, em quem o Pai fez maravilhas, em quem o Espírito fez nascer o Filho. A presença de Maria no Cenáculo serve para indicar que as primícias do Espírito por ela recebidas são agora a herança de toda a Igreja. É nesta qualidade que ela está presente com os Doze na aurora dos últimos tempos que o Espírito inaugura em Pentecostes com a manifestação da Igreja¹².

4. Perspectiva Ecumênica

É por conta desta profunda relação entre Maria e o Espírito Santo que a Virgem ocupa na teologia católica um lugar privilegiado. Longe de conceder a ela prerrogativas próprias do Espírito Santo, a Igreja sempre a apresentou como modelo daquilo que o Espírito opera na vida dos cristãos e, conseqüentemente, como critério de discernimento para uma autêntica vida no Espírito.

Ao longo da história vimos rupturas teológicas em torno da pneumatologia, sobretudo com a Reforma Protestante e muito posteriormente com o desenvolvimento do pentecostalismo. A incompreensão protestante acerca dos privilégios que o Catolicismo atribui a Maria certamente se dá pelo fato de que afirmamos dela coisas que o Protestantismo afirma do Espírito.

Muitos católicos dizem que se vai *a Jesus por Maria*, ou que *Maria forma Cristo em nós*, todas essas afirmações igualmente concernentes à missão do Espírito que nos revela o Cristo (1Cor 12,3).

O problema encontraria sua resolução ao se avaliar que no Protestantismo se avalia o Espírito pela santidade que gera e pelo desenvolvimento que desencadeia na Igreja. O Catolicismo o vê de igual forma, e traduz esta visão na veneração mariana uma vez que nela estes efeitos de santidade são mais visíveis do que em qualquer outra parte. A vida de Maria é um primeiro fruto da ação e da Missão do Espírito na Igreja. Creio que numa família cujos filhos se dividiram, certamente em torno da mãe se pode buscar critérios seguros de reconciliação¹³.

Olhar para Maria é certamente ver uma obra-prima do Espírito em todos os seus aspectos, o que nos livra de qualquer temeridade em venerá-la escrupulosamente¹⁴. Louvar à Virgem Maria não significa louvá-la por ela mesma, mas engrandecer a Deus pelo que nela operou o Espírito, sendo que esta obra do Espírito nela realizada não fora para ela apenas, mas tem como destinatária a humanidade toda.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORRESEN, K.; KASSEL, M.; et ali. *Maria nas Igrejas*. Petropolis: Vozes, 1983.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 9º edição. Petrópolis: Vozes, 1992.

GRUN, Anselm; REITZ, Petra. *Festas de Maria. Guias para a vida*. Aparecida: Santuário, 2009.

JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Dominum et Vivificantem, sobre o Espírito Santo na vida da Igreja e do mundo*. São Paulo: Paulinas, 1986.

LACOSTE, Jean Yves. *Dicionário crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2004.

LATOURELLE, René. *Teologia da Revelação*. São Paulo: Paulinas, 1972.

MONTFORT, Luís Maria Grignon. *Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem*. Petrópolis: Vozes, 2003.

SANTO AGOSTINHO. *A Virgem Maria*. São Paulo: Paulus, 1996.

SIQUEIRA, Dom Antonio Maria Alves. *Consagração a Nossa Senhora*. Aparecida: Santuário, 2000.

SUENENS, Cardeal Joseph Leon. *O Espírito Santo nossa Esperança*. São Paulo: Paulinas, 1975.

Notas

* Douglas Pinheiro Lima, tem 25 anos e é seminarista da Diocese de Osasco. Licenciado em Filosofia e bacharelado em Teologia pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção (PUC-SP). Contato: fogo_douglas@hotmail.com. Artigo escrito sob a orientação do Prof. Dr. Pedro K. Iwashita CSSp.

¹ MONTFORT, Luís Maria Grignon. *Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem*, 2003, p.18.

² SANTO AGOSTINHO. *A Virgem Maria*, 1996, p. 82.

³ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2676.

⁴ SCHNEIDER, Theodor. *Manual de Dogmática*. Vol.II, 2009, p.152.

⁵ GRUN, Anselm; REITZ, Petra. *Festas de Maria*, 2009, p.69.

⁶ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 485 ss.

⁷ BORRESEN, K.; KASSEL, M.; KUNG, H.; MOLTMANN, J. *Maria nas Igrejas*, 1983, p.50.

⁸ *Ibidem*, p.51.

⁹ O dogma da encarnação do Verbo, definido por Nicéia e Calcedônia, é formulação teológica primordial, bem como toda a cristologia. Assim sendo, todo tratado teológico o contempla em suas formulações como ponto de partida para afirmações subseqüentes, o que dá a falsa impressão de o dogma desaparece ao mistura-se a outros temas. Na verdade, a encarnação não some no meio dos tratados, mas são os tratados que enfatizam este ou aquele elemento que convém a seu desenvolvimento pontual. Ver: SCHNEIDER, Theodor. *Manual de Dogmática*. Vol. I, 2009, p.219.

¹⁰ LATOURELLE, René. *Teologia da Revelação*, 1972, p.38.

¹¹ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 721.

¹² Ibidem, 726.

¹³ SUENENS, Cardeal Joseph Leon. *O Espírito Santo nossa Esperança*, p.275.

¹⁴ MONTFORT, Luís Maria Grignon. *Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem*, p.98.